

MEMÓRIAS SONORAS DOS CACEROLAZOS: EXPERIÊNCIAS DE RESISTÊNCIA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

SORAIA ANSARA
PAULO RICARDO BETENCOURT

INTRODUÇÃO

Os estudos relacionados às memórias coletivas em suas múltiplas possibilidades de reflexão têm sido uma temática que perpassa muitas áreas do conhecimento mobilizando pesquisadores e profissionais a se debruçarem sobre a complexidade deste vasto e intrigante tema em toda a sua riqueza de sentidos.

Pesquisas mais recentes têm revelado que as memórias como produção de singularidades, têm se configurado numa malha de sentidos que são permeadas e entrecortadas por imagens, palavras, frases e sons num híbrido complexo atemporal em que se configuram passado, presente e futuro. Como afirma Vázquez “*Mediante la memoria se construyen y resignifican los acontecimientos. Sin embargo, la realidad social no se detiene en la construcción del pasado y del presente: se proyecta en el futuro*” (Vázquez, 2001:25).

Temos observado uma produção significativa sobre a *memória* nos últimos anos evidenciando que este tema é cada vez mais recorrente em nossa sociedade, a ponto de Huyssen (2000), afirmar que vivemos uma *cultura da memória*, sobretudo numa sociedade marcada pela aceleração do instantâneo, pelo efêmero e pela crescente e notável diminuição de densidade temporal entre os acontecimentos e a suas percepções. Como defendem muitos autores e como destaca Peralta (2007) o estudo da memória social é um campo vasto e complexo que atravessa diferentes áreas do conhecimento permitindo uma multiplicidade de abordagens teóricas, que vão desde as mais clássicas que envolvem o conceito de memória individual e coletiva (Bergson, 1999 e Halbwachs, 1990), as que debatem em torno das políticas de memória, argumentando que a construção social do passado está diretamente relacionada com a legitimação dos poderes instituídos (Lin-

distrom, 1982; Goody, 1986; Baker, 1990 e Hunt, 2007) e as que enfatizam a perspectiva da memória popular por sua ênfase na resistência popular à ideologia dominante defendendo que a memória social não é o resultado apenas do poder dominante (Foucault, 1970; Vázquez, 2001; Ansara, 2000; 2005; 2008; Catela, 2002; Jelin, 2002; Misztal, 2003). Entretanto, um estudo que se dedique especificamente a análise das memórias sonoras é o aspecto inovador dos estudos da memória política que tratamos de abordar neste capítulo.

Neste sentido, trataremos nas páginas que seguem, de analisar o “*El Cacero-lazo*” ou *panelaço*, como é conhecido no Brasil, como um movimento singular de grande impacto na América do Sul, desde a década de 70, que nasce e se configura como um *acontecimento* de grande potencialidade no que diz respeito ao campo de produção sonora. Nosso intento é fazer uma breve análise crítica dos principais elementos que constituem as ações coletivas que envolvem o sonoro e sua produção de subjetividade no cotidiano em seus vários aspectos. Com base nas pesquisas de Betencourt (2011; 2014) procuramos ir além de uma simples análise deste movimento, mas revelar as memórias sonoras dos “*Cacerolazos*” ocorridos na Argentina e Chile, extraíndo das sonoridades, característica deste movimento, os elementos que mobilizam as ações coletivas e a participação criativa da população Argentina e Chilena na atualidade.

Para tanto, trazemos uma síntese da pesquisa bibliográfica e videográfica sobre o movimento dos *cacerolazos*, bem como fragmentos dos relatos de alguns participantes deste movimento – entrevistados²⁴ por Betencourt (2014) – procurando perceber os sentidos sociais e políticos que estes sujeitos constroem a partir de suas memórias sonoras visando perceber em que medida estas memórias se vinculam às novas formas de resistência e participação política tendo em vista a mudança social.

OS “*CACEROLAS*” SOAM POR TODA A PARTE

É surpreendente refletir sobre a potência em que se tornaram os movimentos dos “*cacerolazos*”, em sua forma de manifestação popular, na qual as sonoridades ou ruídos que provém das painéis nas últimas décadas se fi-

24. Em sua pesquisa de mestrado, no Programa de Mudança Social e Participação Política, da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, Betencourt (2014) realizou 16 entrevistas abertas (7 em Buenos Aires e 9 em Santiago do Chile). Os sujeitos entrevistados participam de movimentos sociais e políticos diversos, de concepção de esquerda ou anarquista. Atendendo as exigências do Comitê de Ética e Pesquisa todos assinaram “Termo de Livre Consentimento e Esclarecido” e tiveram seus nomes originais preservados, sendo os nomes utilizados neste texto, fictícios.

zeram ouvir por toda a América do Sul se estendendo para a Europa em regiões como a da Espanha e Itália.

Os “*cacerolazos*” ou “*panelaços*” são uma forma de ação coletiva²⁵ surgida de maneira espontânea ou não, na qual homens, mulheres, jovens e crianças tomam às ruas, praças e espaços públicos para protestar, de forma geral pacífica, contra determinadas posições governamentais. Os estudos e artigos que analisamos revelaram que muitos deles não ocorreram de forma espontânea, mas foram ações propostas e organizadas por associações e/ou lideranças envolvidas nas lutas por saúde, educação, trabalho, entre outros (BETENCOURT, 2011).

Diferentemente de outras manifestações, as sonoridades são a forte característica deste movimento que utiliza dos elementos do cotidiano para produzir os sons, para manifestando-se e tornando públicas suas reivindicações e desejos de mudança nas sociedades em que vivem. Em especial, os manifestantes utilizam utensílios domésticos tais como panelas, tampas de panelas, colheres, garfos, escumadeiras, latas de óleo, baldes entre outros utensílios, que são geralmente metálicos, com grande produção sonora e qualidades timbrísticas e texturais das mais variadas.

Para entendermos melhor a dinâmica de organização e expressão das ações coletivas dos *cacerolazos*, apresentamos uma breve síntese de algumas experiências da América do Sul, identificadas no levantamento bibliográfico de Betencourt (2011)²⁶, que baseou-se em artigos específicos, relatos de jornais das épocas descritas, ou ainda em consulta a *sites* diversos bem como na análise alguns vídeos postados na internet, principalmente aqueles referentes ao Caso Argentino (2001) e Chileno (2011).

Cabe ressaltar que os *cacerolazos* também ocorreram em países como Venezuela, Uruguai, Brasil, e embora encontramos ações de grande expressão na Europa, em sua maioria estas ocorreram de forma isolada e específica. Neste texto, daremos maior ênfase aos *cacerolazos* que aconteceram na Argentina e Chile, principalmente os de maior expressão ocorridos no final do ano de 2001, na Argentina e, em 2011, no Chile, por se efetuarem como realidades que se conectam diretamente com ações antiglobalização e de

25. “Conjunto de práticas sociais que envolvem simultaneamente certo número de indivíduos ou grupos que apresentam características morfológicas similares em contiguidade de tempo e espaço, implicando um campo de relacionamentos sociais e a capacidade das pessoas de incluir o sentido do que estão fazendo” (MELLUCI, 1996 apud GOHN, 2007, p.154)

26. Esta pesquisa refere-se a monografia “Memórias sonoras: micropolíticas de resistência e participação” que Betencourt apresentou para conclusão do Curso de especialização em Psicologia Política, Políticas Públicas e Movimentos Sociais, Escola de Artes Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Este estudo foi aprofundado na pesquisa do mestrado em Mudança Social e Participação Política, do mesmo autor, concluída em 2014.

crítica ao neoliberalismo, revelando as lutas do cotidiano das cidades envolvidas.

1. OS CACEROLAZOS NO CHILE E ARGENTINA

Na Argentina, houve e ainda há uma grande movimentação em torno dos “*cacerolazos*”, motivo pelo qual muitos acabam pensando que o movimento teria se iniciado neste país, quando na verdade os primeiros registros de *cacerolazos*, se deram no Chile, como veremos adiante.

Os primeiros *cacerolazos* ocorridos na Argentina foram de iniciativa da classe trabalhadora (1982-1983) e marcaram uma significativa participação de mulheres, crianças e desempregados ocorrendo em diversos bairros de Buenos Aires e da grande Buenos Aires. Até hoje seus manifestantes, em geral, se concentram na Praça de Maio, em frente à casa do governo para expressarem seus descontentamentos em relação ao alto custo de vida. (Telechea, 2006)

Historicamente diversos grupos de mulheres tais como Bolsas Vacías (do partido comunista revolucionário), Amas de Casa Del País²⁷ e mulheres da Unión de Mujeres Argentinas (UMA) se uniram para protestar com “*cacerolazos*”. (Telechea, 2006)

Neste primeiro período de 1982 a 1983 observa-se forte relação dos “*cacerolazos*” com a luta da classe trabalhadora, sobretudo com massiva participação das mulheres nestas mobilizações. As mulheres, que acumulam funções domésticas e do trabalho fora de casa acabam sendo as que mais sofrem por verem as necessidades mais primárias da vida não serem supridas em seus lares. Assim, esta realidade se aproxima do sentido e significado do uso das panelas e suas sonoridades na formação dos movimentos dos “*cacerolazos*”, por serem utensílios domésticos que podem ser considerados signos cheios de potência, sobretudo quando as palavras não conseguem expressar mais a realidade difícil do cotidiano.

Um segundo período (1986-1990) descrito por Telechea (2006) faz menção aos “*cacerolazos*” relacionados às greves operárias. No dia 9 de outubro de 1986, uma importante marcha foi realizada contra o então presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, contrapondo-se às políticas socioeconômicas de seu governo, que se mostravam negativas ao povo. (Telechea, 2006) Neste período, os *cacerolazos* tiveram a adesão do movimento de “Amas de Casa

27. Esta associação foi responsável por mais da metade dos “*cacerolazos*” ocorridos no período de 1982-1985. Tal associação lutava contra o aumento do custo de vida e contra o aumento das taxas municipais. Possui uma vinculação estreita com PCR – Partido Comunista Revolucionário, embora tenham e aceitem a pluralidade política de seus membros.

Del País” (ACP) e do “Sindicato de Amas de Casa de La República Argentina” ao plano de luta da Confederação Sindical para tornar realidade um grande “*cacerolazo*” na Capital Federal e na cidade de Mendoza. O movimento ACP convocou, por meio do diário “*Crónica*” de 1º de outubro, todas as mulheres, trabalhadores e mulheres de trabalhadores para se concentrarem e se manifestarem com suas panelas expressando seu repúdio as ações governamentais e fazendo ouvir as suas reclamações. (Telechea, 2006)

O período de 1986-1990 foi um período de grandes manifestações de *cacerolazos*, promovidos, em geral, pela classe trabalhadora e pelos sindicatos, partidos políticos e diversas associações contestando a falta de alimento para a população, os aumentos de impostos e tarifas de serviços públicos e a alta inflação deste período.

Entre 1991-1995²⁸ não se encontram registros de “*cacerolazos*” e nem protestos das “*Amas de Casa*” devido à queda da inflação na economia do país. Mas, o ano de 1996 acabou se tornando um ano favorável ao retorno sonoro das *cacerolas* pelas ruas, devido à crise do “*Plan de Convertibilidad*” que mobilizou a pequena burguesia que ressurgiu como ator nestas manifestações, contando inclusive com a participação da classe trabalhadora. (Telechea, 2006)

Neste período as diversas ações políticas contestavam a situação gerada pelas políticas neoliberais que estavam sendo implantadas e que atingiam diretamente à população argentina. Entre os anos de 2001 e 2002, os *panelazos* prolongaram-se naquele país e a *panela* foi se constituindo em objeto de identificação com a resistência política servindo para que seus participantes se reconhecessem como manifestantes na rua, na Praça de Maio e como cidadãos ávidos de direitos, diante das grandes instituições do Estado como o Congresso, a Casa Rosada, como moradores/as do bairro, quando o protesto terminava. (Bogado, 2006)

Pode se dizer que este período foi um dos momentos mais críticos para os argentinos, despertando-os para luta e para diversas formas de participação política. O período se destaca por ser caracterizado por um momento de grandes manifestações da classe burguesa da sociedade argentina.

Ao iniciar o mês de dezembro daquele ano de 2001, o governo decretou medidas econômicas para frear a queda de depósitos bancários, que in-

28. Este período coincide com o período em que vigorou o Plano de Conversibilidade (PC), que consistiu na criação de uma nova moeda – o peso – e na implantação de um rígido sistema de conselho da moeda (currency board) sendo que qualquer alteração na taxa de câmbio teria que passar pelo crivo do poder legislativo.

cluía um limites de retiradas bancárias. Tais medidas foram – metafórica e popularmente – denominadas de “*corralito*” (em português, curralzinho) aludindo à situação de bloqueio e confisco das contas bancárias que impôs restrições à circulação de dinheiro e diminuiu a capacidade de realização de operações financeiras e comerciais, além de limitar os níveis de consumo e poder de compra dos argentinos. (Hopstein, 2002)

No dia 19 de dezembro, o presidente De La Rúa decretou estado de sítio, provocando novamente uma série de manifestações de cidadãos e cidadãs que desafiaram esta medida do governo. Assim, em diferentes cidades, nas ruas, nas sacadas, na Praça de Maio, em frente a residência presidencial e a casa de Domingo Cavallo – ministro da economia e grande defensor da aplicação de políticas neoliberais – a população com suas panelas, escumadeiras e outros utensílios domésticos se manifestaram e pediram a renúncia presidente De La Rúa. Após incansáveis manifestações e tanta pressão, De La Rúa renunciou e abandonou a Casa do Governo de helicóptero. Sua renúncia foi comemorada com grande festa em todo o país, conforme aponta Bogado (2006)

Desde os anos 1970 os *cacerolazos*, que se se estendem até os dias hoje – tem sido uma forma potente e singular de se manifestar em diversos países.

AS PANELAS “SOAM” NO CHILE

Os *cacerolazos* surgiram como forma de protesto da burguesia chilena quando, em primeiro de dezembro de 1971, um grupo de mulheres da classe alta, pertencentes ao agrupamento chileno – “Poder Feminino” – bateu panelas e outros utensílios de cozinha para manifestar-se contra a situação social e econômica do governo de Salvador Allende (1970-1973),²⁹ expressando seu descontentamento pelo desabastecimento de produtos que se enfrentava naquele contexto. Os *cacerolazos* daquele período retratavam claramente a polarização social que se vivia no Chile: de um lado as iniciativas socialistas promovidas pelo governo de Allende e por outro a pressão das elites chilenas contra as medidas socialistas de Allende. O clima de tensão vivido neste período resultou no golpe de Estado de 11 de setembro de 1973, que destituiu o governo e instaurou a ditadura militar³⁰.

29. Salvador Allende foi eleito presidente do Chile, em 1970. Primeiro chefe de estado socialista marxista eleito democraticamente na América governou seu país até 1973 quando foi deposto pelo golpe militar.

30. A ditadura chilena iniciou com o golpe militar, em setembro de 1973 e se prolongou até março de 1990. Neste período, o Chile foi governado pelo general e ditador Augusto Pinochet. A história do governo de Salvador Allende e as tensões políticas enfrentadas neste período, bem como os motivos que levaram ao golpe de estado no Chile – que são muito mais complexos do que afirmamos aqui, possui uma vasta literatura. Não fizemos referência elas por não terem sido objeto deste estudo.

Apesar destas manifestações se tornaram frequentes, durante a ditadura militar chilena, conforme Bogado (2006) é somente após o silêncio imposto pela ditadura, que a classe operária fez dos *cacerolazos* um poderoso instrumento de protesto.

No ano de 2011, tem-se o registro de dois importantes “*cacerolazos*” no Chile. O primeiro ocorrido no início de maio se referia à contestação do projeto hidroelétrico *HidroAysén*, que contemplava a construção e a operação de cinco centrais hidrelétricas na Patagônia, duas no rio Baker³¹ e três no rio Pascua³², localizados na Província de Capitan Prat, região de Aysén, ao sul do Chile; o outro dizia respeito à série de protestos ocorridos em agosto de 2011, em cujas manifestações foram trazidas as discussões referentes ao fortalecimento do papel do Estado na educação, à garantia do acesso à educação pública gratuita e de qualidade, e ao fim das atividades com fins lucrativos no setor educacional.

Durante estas manifestações uma grande marcha de cerca de cem mil pessoas em apoio aos estudantes e suas demandas fizeram soar as “*cacerolas*”, em Santiago, capital chilena. Conforme revelou a análise bibliográfica de Betencourt (2011), a grande adesão obtida pelo movimento no dia oito de agosto de 2011 foi um reflexo do que ocorreu nos dias anteriores, em especial, em 4 de agosto, quando a repressão policial resultou em 870 detenções. Diante disso, os meios de comunicação informaram que a população chilena se solidarizou com o movimento e diversos “*cacerolazos*” foram registrados diariamente como sinal desse apoio.

As ações promovidas neste período fizeram dos *cacerolazos* atuais uma forma de repúdio às políticas neoliberais ao mesmo tempo em que fazem deste movimento, um movimento rico em suas singularidades, sobretudo por lançar mão de uma forma de manifestação (bater panelas) que tem sido utilizada, como já assinalamos, em outros países no restante do mundo.

Enfim, pudemos perceber o quanto as sonoridades dos “*cacerolazos*” como forma de expressão, resistência e luta contemplaram diversas manifestações e possibilidades de lutas nos períodos mais diversos em diferentes países da América do Sul.

A partir deste brevíssimo histórico sobre alguns dos “*cacerolazos*” mais expressivos, podemos dizer que as memórias despertadas por este movimento, evocadas por extratos sonoros fazem brotar nas novas gerações senti-

31. O Rio Baker é o maior rio do Chile em termos de volume de água. O rio flui para fora do lago Bertrand, que é alimentado pelo Lago General Carrera . Ele percorre o lado leste do Campo de Gelo Patagônico Norte e deságua no Oceano Pacífico , perto da cidade de Caleta Tortel.

32. O Rio Pascua, embora de pequena em extensão, tem sua bacia hidrográfica considerada uma das mais importantes do país.

dos e percepções novas, até então não percebidas no calor do movimento. Desta maneira, podemos pensar em ricas ferramentas de mobilização que possibilitam a resistência e participação no cotidiano atual, minando as microestruturas de poder que foram sendo constituídas ao longo das histórias de luta.

As diversas memórias coletivas produzidas a partir das sonoridades deste movimento são mobilizadoras de novas formas de ação política.

OS CACEROLAZOS COMO MEMÓRIAS SONORAS

A memória, desalojada inclusive das palavras que a nomeiam, sofre agora o vazio de uma falta de contexto que cancela diariamente o seu passado de horror, separando e distanciando cada vez mais a lembrança histórica da rede de emocionalidade que a fazia vibrar. (Richard, 1999. p.324)

Ao falar de memória poderíamos substituir pelo plural “memórias”, pois esta não contempla um único sentido, mas múltiplos sentidos já que envolve um processo de construção, de disputas sociais por legitimidade, num jogo de poder na busca pela verdade. (Jelin, 2002)

A hibridicidade de linguagens em que se constituíram as ações coletivas em torno dos *cacerolazos* configura-se como um riquíssimo disparador de memórias singulares e coletivas, pois cada som que é produzido por diferentes utensílios domésticos possui texturas e timbres que se relacionam com uma multiplicidade de memórias coletivas. Estas expressam as múltiplas versões e interpretações do passado sendo objeto de muitas disputas e conflitos, ou seja, existe uma disputa entre múltiplas e diferentes memórias que se confrontam, ao mesmo tempo em que estas proporcionam às novas gerações a possibilidade de conhecer passado e estabelecer nexos entre passado, presente e futuro. Os “*cacerolazos*” carregam toda uma potencialidade sonora e toda uma produção de subjetividade, que nos leva a pensar sobre as formas com que a sociedade transmite e produz sentimentos de raiva e impotência diante de algumas realidades cotidianas, manifestando ao mesmo tempo suas motivações e desejos de mudança. (Kammerer & Roncero, 2002)

As memórias sonoras fazem referência ao som enquanto elemento de produção de sentido que eclodem em agenciamentos coletivos. Ao propormos o termo sonoro, ao invés de musical, ampliamos o conceito de música e assim podemos contemplá-lo por uma perspectiva contemporânea, recuperando o próprio conceito de “*mousiké*”, que está conectado ao pensamento musical grego. (Tomas, 2002)

Segundo Tomas, 2002, o conceito “*mousiké*” abrange tudo o que constitui uma presença sonora (canto, dança, palavras, ginástica, ritmo, instrumentos musicais, matemática, física), pois o som se compreende como sentido e não como significação. “Quando dizemos que o som era sentido, sua força era de tocar o homem para qualquer lugar e não de fazer o homem refletir sobre este fenômeno, dividi-lo ou analisá-lo”. (Tomas, 2002, p.50)

O final do século XIX e início do século XX colocou em xeque os paradigmas estéticos, perceptivos e formais que até então eram conhecidos e vistos como hegemônicos dentro da arte possibilitando transformações e desdobramentos irreversíveis em todas as áreas do conhecimento.

Diante disso podemos reconhecer que as “escutas atuais são múltiplas” levando-nos a perceber que na multiplicidade sonora, que se efetua nos “*cacerolazos*”, vislumbramos a potência de possibilidades entre uma música que revela um ordenamento e ao mesmo tempo o caos do mundo.

No contexto dos acontecimentos em torno dos *cacerolazos* existe uma produção da memória coletiva acerca do que tem motivado e mobilizado o povo a ir para as ruas batendo panelas. Por trás de cada golpe das panelas existe, em contrapartida, uma menção ao silenciamento de um povo.

Silêncio este gerado talvez pelo cansaço e/ou pelas tentativas de lutas frustradas em relação ao quadro sócio-político-econômico. No caso da crise vivenciada na Argentina, a memória é demonstrada na fala que segue de uma das mulheres que reclamava no movimento: “*Hace seis años que venimos esperando y nos piden sacrificios. No podemos esperar más. Querer es poder* (Telechea, 2006, p.148)

Diante das crises vivenciadas pela sociedade Argentina, o silêncio fundado no medo e desesperança é rompido e os “*cacerolazos*” eclodem justamente com a declaração do estado de sítio feita pelo presidente De La Rúa. Esta ação do presidente evoca em cada cidadão as memórias da ditadura militar argentina, período em que lhes eram negadas a liberdade de expressão e direito de voz. Neste sentido, uma das mulheres que participava das mobilizações declarou que neste dia:

(...) nosotros, salimos básicamente para frenar un golpe de Estado, o lo que nosotros dijimos cuando... Creo que todos entendimos el mensaje del 19 de diciembre cuando dijeron ‘estado de sitio’. El estado de sitio nosotros sabemos lo que significó en la Argentina, entonces ahí dijimos ‘Basta’, dijimos ‘No’, ‘No al estado de sitio’. Pero para darse cuenta del ‘No al Estado de sitio’ hay que tener conciencia de haber vivido un proceso y eso quiere decir, en algún momento,

haber ido a una marcha de las Madres de Plaza de Mayo (...) haber pasado por toda la etapa de la democracia viendo estas democracias endebles latinoamericanas y criticándolas. (...) Estela, Buenos Aires, 29 de janeiro de 2004. (Bogado, 2006, p.169)

Michael Pollak (1989), ao referir-se aos sobreviventes dos campos de concentração aponta que existem nas lembranças zonas de sombra, silêncios e “não-ditos”. Segundo o autor, as fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. (POLLAK, 1989)

Ao se referir as memórias dos sobreviventes do Holocausto, o autor afirma que existe uma angústia por parte dos sobreviventes dos campos de concentração que guardam silêncio por não encontrar uma escuta, por querer evitar a culpa, ou, ainda por se expor a mal-entendidos ao revelarem suas memórias (Pollak, 1989) Neste cenário, emergem as memórias subterrâneas, aquelas que esperam o momento propício para emergirem:

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (Pollak, 1989, p. 8)

Assim, cabe a estes grupos específicos distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis e assim pensar em como determinadas memórias podem entrar em cena de forma a reconstruir um passado com novos sentidos numa interação constante entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido (Pollak, 1989)

Neste sentido, o corpo se reinventa e encontra novas formas de agir no que diz respeito às suas condições de vida mais necessárias de subsistência e, desta maneira, pode-se vislumbrar indivíduos portadores de autonomia sonora e liberdade.

O enfrentamento da música, agora, é liberar vozes que escapam de uma audição cada vez mais delimitada por representações do poder econômico, e criar transversais de invenções abstratas que burlem a audição representativa e atinja uma escuta das vozes que continuam no murmúrio do Povo Sonoro (Coelho, 2002, p.45)

Portanto, este silêncio, carregado de angústia e dor, também vai ser aquele que promove algo criativo e mobilizador como potência de vida a ser expressa.

O SOM COMO POTÊNCIA³³ DE VIDA

O som, em sua híbrida potencialidade, contempla uma enorme capacidade de por em jogo os ritmos da vida. O som produz esta capacidade de nos capturar e nos levar a estados e a lugares antes nunca visitados ou vivenciados.

Como já assinalamos anteriormente, o surgimento dos “*cacerolazos*” remete a questões de gênero. Desde seus primeiros eventos no Chile, na década de 70, as mulheres, sejam elas de forma espontânea ou filiadas a grupos específicos, foram protagonistas na luta pelos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras e em todas as questões que envolvem a melhoria da qualidade de vida. Desta maneira, o uso das panelas e a utilização desta forma de ação coletiva revelam justamente a resistência às condições impostas ao povo pelos poderes dominantes.

Bien la mayoría de las personas que tienen cacerola o instrumentos de cocina son mujeres y los hombres toman otros instrumentos como instrumentos musicales, pero cuando fue la primera vez en Chile, en los 80, claramente hay atravesado un tema de género, porque quienes levantaron las primeras protestas anti-dictadura militar en este país, en particular, fueron las mujeres, no como en Argentina que fueron en su rol de madres sino en Chile pasó que fue en su rol de pobladoras. Las primeras protestas en Chile, en los 80, contra el régimen militar, contra la dictadura militar, contra el hambre, contra la crisis económica, son las mujeres las que salen a la calle y toman ese instrumento porque ese instrumento lamentablemente es más próximo y además tenía mucho que ver con lo que pasaba con las poblaciones en Chile que era el tema de la olla común, el que la población se juntara. Como nadie podía alimentar por sí solo a su familia si nos juntamos de forma comunitaria podemos alimentarnos entre todos. Yo creo que también hay una relación entre ese instru-

33. Este termo se refere ao conceito de *vontade de potência* de Nietzsche, que sugere uma distinção em relação ao termo força e que se usa no exercício da potência como instinto criador. (Machado, 2009, p.93-95)

mento de cocina que juntó a la población, al territorio, también nos daba alimento, nos daba una forma de protesta, nos daba ánimo, yo creo” (Frederico, 22 años, Santiago do Chile)

Em um artigo intitulado “*Saquemos nuestras ollas a la calle*, Telechea (2006) evidencia o significado das panelas na vida cotidiana e nas lutas levadas a cabo pela população evocando as memórias que manifestam o repúdio ao aumento de preços, tarifas e desemprego e a situação de fome e miséria da população pobre.

Las ollas están ligadas a nuestras vidas en una relación que viene desde la infancia. Entonces veíamos con gozo a nuestras madres manipularlas con habilidad y más de un coscorrón nos habremos ligado por querer ‘usarlas’ en nuestros juegos. También entonces aprendimos que las ollas eran muy útiles los días de lluvia, para recoger el agua de alguna gotera de la casa, y podíamos dormirnos arrulladas con el ruido de las gotas tintineando en el fondo. Golpeando ollas con los vecinos despedíamos el viejo año y recibíamos con esperanza el nuevo, al filo de las 12 del 31 de diciembre, con el acompañamiento de cohetes y estrellitas. Con una olla viene el recuerdo de lágrimas de humillación y fracaso ante la primera comida quemada. Ollas alegres donde preparamos comida para los que queremos, ollas putrefactas a las que tenemos que fregar para dejar de limpiar. Pero, más allá de nuestras historias personales, las ollas también desde épocas remotas han entrado a la historia de la humanidad en nuestras manos: habrían sido mujeres los primeros seres humanos que produjeron piezas de alfarería, antecedentes de nuestras ollas. Y más acá, en nuestra historia patria, durante las invasiones inglesas ollas de grasa y agua hirviendo nos sirvieron de arma contra el invasor. En las guerras de Independencia, las mujeres que acompañaban a los soldados llevaban en sus cabalgaduras las ollas en que cocinaban para la tropa. Desde las primeras huelgas obreras, muchas manos femeninas tuvieron y tienen que ver con la organización de las “ollas populares”. En fin, nosotras dominamos muy bien todos los matices del lenguaje de las ollas. Entonces me pregunto, y les pregunto, compañeras, ¿por qué no lo hacemos valer? ¿Por qué no sacamos una vez más nuestras ollas a la calle, y les rompemos... el tímpano a quienes nos condenan con una política de hambre y vacían nuestras ollas? ¿Por qué no les hacemos escuchar la bronca de esas ollas va-

cías a los sordos a nuestra miseria, a quienes no les interesa que los más pobres -que son también los más- frente al aumento de precios, tarifas y desocupación, están cada vez más lejos del poder “parar la olla? Compañeras: si los que tienen la sartén por el mango no tienen miramientos en nuestras ollas ¿nos vamos a quedar calladas? (Jornal Hoy, de 27 agosto, de 1986, apud Telechea, 2006, p. 178-179)

Telechea mostra que a panela como produção sonora revela a potência das mulheres que não se calam diante das injustiças sociais tornando públicas suas reivindicações e desejos de mudança social.

MEMÓRIAS POTENCIALIZADAS PELAS SONORIDADES

Podemos pensar em como a memória e toda a sua rede de sentidos se opõe a ideia da memória como simples conservação ou reprodução do acontecimento passado, pois esta carrega e se compõe de novas maneiras de compreender a realidade à medida que o tempo traz novos significados a cada experiência vivida. Segundo Obici (2008) o som carrega a potência do intensivo que opera em nossas subjetividades de maneira bem particular. Para este autor o som é potente porque tem a capacidade de mobilizar com pouco.

Sabemos da riqueza que o som pode manifestar na vida das pessoas. Os sons dos “*cacerolazos*” são sons que se colocam num contexto de texturas múltiplas, gerando e possibilitando ricas memórias.

O espaço que as sonoridades produzem, são espaços direcionais e não dimensionais ou métricos e são ocupados mais por acontecimentos do que por coisas formadas e percebidas. São forças sonoras expressivas, se manifestando em intensidades, por ventos e ruídos, por forças e qualidades táteis. (Santos, 2002)

O som gera um movimento de corpos no movimento do “*El Cacerolazo*”, levando as pessoas a agirem com potência de vida. Desta maneira, pode-se vislumbrar uma ação coletiva que é gerada nas entranhas de cada indivíduo, que olha para dentro de si como indivíduo criativo que sai pelas ruas e praças da cidade e se encontra com outras milhares de pessoas, para compor uma polifonia que marca a resistência e manifesta a luta de um povo.

A RUA COMO CAMPO VÁLIDO DE EXPERIÊNCIA

A rua convertida em terreno perigoso durante a ditadura militar por temor a repressão, e na democracia pela violência, é procurada como

objeto de reapropriação, que quebra o individualismo e o encerramento portas adentro de décadas (Brieger, 2003, apud Bogado, 2006, p. 28)

O campo de produção dos “*cacerolazos*” são as ruas e as praças, que são lugares que possibilitam os encontros e os fluxos de corpos. Os sons dos “*cacerolazos*” propõem um chamamento que percorre as ruas e avenidas e se somam gerando temporalidades, espaços e sentidos que fogem aos entendimentos. Assim, podemos falar em “território de memória”, inspirado nos lugares de memória propostos por Pierre Nora (1984)³⁴, no qual se tenta desconstruir a ideia estática, unitária e substantiva que a ideia de lugar propõe.

Desta maneira, podemos dizer que as praças e as ruas são detentoras de subjetividades e possibilidades de experiências e são nelas que se produzem espaços múltiplos de atuação. As ruas se tornaram lugares habitáveis, interessantes, solidários, disputáveis, festivos e apaixonantes; ao mesmo tempo em que as casas, o trabalho e a televisão se tornaram mais mentirosas nas promessas. Nelas pode-se ser anônimo, ser muitos, ser gente, gritar e cantar manifestando a vida das ruas. (Christlieb, 2004)

Yo creo que... yo creo que, o sea, uno sabe que por ejemplo que la gente está... el pueblo, la gente, el trabajador está vivo, son seres vivos, pero la máquina como del capitalismo de la monotonía del trabajo diario hace que uno los vea como si fuera siempre lo mismo como si no hubiera vida porque es repetitivo, la gente trabaja como cansada, es como si fuera algo sin brillo. El cacerolazo es la expresión de cuando la gente se saca de alguna forma la ropa del trabajo, dice basta y golpea el cacerolazo es como... la vida y el cacerolazo es como la expresión de cuando el pueblo brilló, de hecho justamente el cacerolazo es como que le da luz, ilumina al pueblo, ahora el pueblo en oscuras pero haciendo trabajo en la oscuridad para volver a iluminarse, yo creo que ahí el cacerolazo con la vida tiene que ver con la expresión de un pueblo vivo, de un pueblo brillante, brillante, en movimiento, a pesar de que hay vida sin movimiento, sin necesaria-

34. Sobre “*os lugares da memória*” ver Pierre Nora (1984), autor francês e um dos primeiros a dedicar-se aos estudos dos lugares da memória em que destaca os lugares enquanto espaço material onde se dão as lembranças, as comemorações, os monumentos, os museus, as festas e os símbolos e os “lugares” constituídos pelos sujeitos coletivos, responsáveis pela transmissão da memória: a família, a escola, a igreja, o Estado.

mente estar iluminado o con movimiento (Ygor, 26 anos, Santiago do Chile.).

E ao tomar as ruas cada som individual, produzido por estes utensílios, se junta a outros sons produzindo uma coletividade potente pelos espaços por onde cada *cacerolazo* ocorre transformando as esquinas das ruas em verdadeiros “lugares da memória”.

Por ejemplo los cacerolazos siempre fueron en las esquinas de las calles, donde se juntaban dos calles siempre había un grupo de gente, la calle representa, bueno, libertad, un espacio público. La casa no, la casa es como algo personal, privado, propiedad privada, la familia, íntimo, entonces la calle es el espacio público y para mí, bueno, representa de alguna manera un lugar donde uno... es cuando uno dice basta y sale a la calle, sale de la casa, sale de lo privado a lo público. Las cacerolas siempre fueron en las esquinas de las calles porque en ese momento era donde se encontraban los autos también, entonces la gente no solamente llamaba, uno estaba por ejemplo en la casa privada y escuchaba la cacerola en la esquina de la casa y uno decía aunque uno se tapara con la cama para dormir escuchaba el sonido y uno sentía no uno tiene que ir para afuera, de alguna forma la cacerola era el llamado también de a los que no participaban a sumarse, a salir a lo público a salir a la calle y en el fondo eso representa la calle un espacio que es ocupar nuevamente lo lugares públicos que son de la gente y que en el fondo por la represión y el gobierno que no dejaba a la gente manifestarse era retomar es lo que es de todos (Ygor, 26 anos, Santiago do Chile).

Pablo Fernandez Christlieb (2004), em seu livro, “*El espíritu de la calle*” revela que o pensamento e formas de sentir nada mais são do que as formas de pensar e sentir das cidades, pois tais sentimentos nasceram e se desenvolveram conforme nasceram e se desenvolveram as cidades. Desta maneira, afirma que a cidade é memória. (Christlieb, 2004)

Matos (1982), ao falar sobre as cidades, as compreendem como um lugar que contém um passado, uma história descentralizada, uma soma de experiências próprias, de práticas cotidianas. Para esta autora, o bairro tem os seus micro-lugares, suas aventuras, sua identidade e a cidade sabe marcar o tempo, por seus ritos e signos periódicos de pertença ao grupo. Não é a toa que a eclosão polifônica dos *cacerolazos* se dá nas ruas e praças das cidades.

São sonoridades que se conectam produzindo sentidos por cada lugar por onde passa, numa conexão de sentidos em que um determinado som se conecta com outro distante daquele, produzindo memórias relacionadas com um momento específico.

Nosotros salíamos con las tapas. Y el sonido, esto era, yo puedo pensar en que poníamos ahí toda la bronca en ese golpe ¿no? este... que no tenía nada de musical, aunque alguien por ahí lo podía encontrar pero no tenía nada de musical, sino que estábamos descargando con esos objetos este... toda la bronca y además era como una cosa compasada en la cual nos uníamos todos porque todos pegábamos así con la misma bronca, todos los que nos íbamos encontrando para ir juntos a la Plaza de Mayo nos encontrábamos todos porque salíamos de todas las calles y íbamos todos para el mismo lugar y entonces el ritmo ese era: “bronca, bronca, bronca, bronca, bronca, bronca, bun, bun, bun” una cosa así ¿no?” (Elvira, 66 anos, Buenos Aires).

Assim, estas ruas produzem uma textura sonora, um rico tecido que nos arrasta em diferentes velocidades e com diferentes dinâmicas. É a música das ruas: nervosa, palpitante, explosiva – um mapa aberto – música que flutua. (Santos, 2002)

A PRODUÇÃO SONORA COMO AÇÃO COLETIVA

O “*cacerolazo*” tem este caráter de promover grandes ajuntamentos, como se todos unidos numa rica polifonia sonora se juntassem para fazer ecoar, por todos os espaços, o som de suas panelas.

Hopstein (2002), em seus estudos sobre o “*cacerolazo*” argentino, afirma que o povo deixando de agir isoladamente, começa a se manifestar de forma espontânea, sem a representação de partido políticos a priori, por meio de suas singularidades indefinidas, abertas, heterogêneas e múltiplas, o seu direito de resistir. (Hopstein, 2002)

Em entrevista realizada por Betencourt (2014), um de seus entrevistados destaca como o som das panelas mobiliza e contagia outros conclamando a responsabilidade e levando cada um, em particular, a constituir-se como parte de uma coletividade:

(...) cuando uno lo escucha sin tocar el llamado obliga a moverse, entonces uno no puede estar no moviéndose, eso es lo primero que

uno siente, yo me acuerdo que fui a un cacerolazo con batucada y todo el tema, y ahí es imposible no mover el cuerpo, o sea el cuerpo es como otra cacerola más que es golpeada por el sonido de alguna forma de la cacerola y uno empieza a moverse al ritmo de la cacerola, cuando uno golpea hay como un sentimiento como de responsabilidad, que es muy extraño porque como.. lo primero que hice fue tratar de seguir el mismo ritmo con un sentimiento de responsabilidad, en el fondo tiene que ver con si uno hace un sonido distinto no estás haciendo parte del colectivo, estás más bien no convocando, estás interrumpiendo, eso es lo que... es como una... uno tiene el... el que dirige en el fondo la cacerola como si fuera una orquesta no es un director es el ritmo, el ritmo es... y si uno lo hace, si uno lo sigue como que uno se siente parte (Ygor, 26 años, Santiago do Chile,).

Provavelmente uma única panela soando não mobilizaria esta escuta ativa, mas quando cada um, na sua singularidade se junta torna-se possível vislumbrar a construção de algo rico e potente que conecta indivíduo com diversos pontos ou lugares distintos.

El sonido de la cacerola se apodera de uno, entra en uno, claro porque el recuerdo... después seguían el recuerdos visuales muchas veces pero la resonancia de la cacerola queda en uno, inevitablemente, y eso te invita también a recordar lo que había pasado, a mi me pasó por ejemplo que luego al otro día volví al colegio y se veía las manchas de neumáticos derretidos o restos de lacrimógenas inclusive en un sector, pero claro venía acompañado del ruido que aún quedaba en uno y era combinado, o sea, el sonido con imágenes, todo confluía en algo, claro todo. (Juan, 19 años, Santiago do Chile)

Podemos dizer que estas memórias sonoras são expressão da memória coletiva no sentido atribuído por Halbwachs (1990). Para este autor a memória é um fenômeno que não pertence a nenhum indivíduo em particular, uma vez que evoca a experiência de outros que nos fazem olhar o evento de uma forma diferente. Isso significa que cada indivíduo constrói a sua memória sobre um mesmo fato coletivo, o que mostra que a memória se modifica de acordo com a identidade coletiva/identificações sociais e do contexto familiar, social, nacional em que elas se inserem (Ansara, 2000).

Desta maneira, a memória coletiva permite uma pluralidade de versões do passado: "(...) cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória

coletiva e que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (Halbwachs, 1990:51).

Ansara (2008), ao relacionar a memória política com a consciência e ações coletivas, afirma que os grupos são extremamente necessários e fundamentais para a reconstrução das memórias. Os grupos constroem significados em cada experiência de vida a partir da relação que elas estabelecem em sua vida cotidiana sendo que as *memórias coletivas potencializam a ação* dos movimentos sociais do presente.

Os “*cacerolazos*” possibilitam a escuta do individual que se faz a cada batida com sua velocidade e com sua força singular, batidas que são movidas com e pelo coletivo, ou seja, a produção da diferença num mesmo plano, no qual se percebe que não é possível falar de uma memória individual sem pressupor um coletivo.

Assim, cada indivíduo ao sair pelas ruas e praças da cidade, com suas panelas, busca se comunicar por meio destes sons, se encontrando num fluxo constante que atrai e arrasta outros indivíduos. São nestes encontros que se constroem uma polifonia de texturas que são coletivas e assim possibilitam uma ação potente no que diz respeito às formas de ação e mobilização.

El cacerolazo del 4 de agosto tiene para mi una carga especial que se relaciona como con la memoria kinésica y auditiva, y generalmente cultural del país o al menos del país movilizadizo que está medio durmiendo, fue espontaneo [...] en cierto momento yo estaba caminando junto a otros compañeros de la carrera, caminando por la calle y comienzo a sentir cacerolazo, empiezo a escucharlo cada vez más a medida que íbamos entrando en la comuna, cada vez más frenético todo, yo digo que es porque hay una apelación a la memoria kinésica, el hecho de golpear, el hecho de meter este ruido es un ruido que no escuchaba de esta manera desde tiempos de la dictadura, en democracia no se había hecho algo así, y esto fue una respuesta a una gran represión que recibimos (...) (..) fue una cosa que se diseminó y la gente dijo sí, hay que hacerlo como a eso digo que apela la memoria, apela a la memoria auditiva, apela a la memoria kinésica, apela al volver a hacer cosas para volver a hacer nuestra la democracia y ese sonido de hecho si comparamos el 9 de agosto con el 4, los videos, se siente, el 9 de agosto tiene... uno puede sentir un compás en... o sea distintos compases, se siente casi como una música, el 4

de agosto se siente la rabia, se siente una suerte como de semicorchea permanente, y es por eso, en el fondo la gente... yo vi gente de 80 años fácilmente saliendo de noche al frío a sus balcones a tocar una cacerola, una tapa de olla o cualquier cosa, gente con cuchara, nosotros que no teníamos cacerola, íbamos protestando íbamos aplaudiendo, realmente creo que es eso, que apela a una memoria colectiva de manifestación que se estaba perdiendo (Diogo, 21 años, Santiago do Chile)

Os “*cacerolazos*” possibilitaram que as pessoas percebessem que elas podem se juntar e construir formas criativas de agremiações e participação na sociedade. Bogado (2006) mostra o quanto este movimento foi importante para engendrar práticas de participação política. Deste modo, o autor argumenta que por meio das assembleias de bairro pessoas que nunca tiveram participação mais ativa na sociedade tiveram a possibilidade de manifestarem seus sentimentos e desejos de mudança social. (Bogado, 2006).

No caso da crise vivenciada na Argentina, a memória rompe com o silêncio conforme evidencia a fala de Gutierrez:

Los hechos de fines del 2001 parecían... en realidad parecían constituir lo que se llamaba el Porteñazo, que era un movimiento del pueblo ¿no? por, digamos, una respuesta visceral por decirle así contra la situación más que contra el gobierno, la situación que se vivía. Además de lo digamos, de lo que podríamos llamar el sentimiento a flor de piel que los cacerolazos provocaban me gustaría referirme al hecho de que la Argentina vivió una etapa de muchos años, o podríamos decir dividida en varias sub-etapas que empezó, que empezó... podríamos ponerle varias fechas de ingreso pero que digamos llegó al zenit en el año 76 con la toma del poder de los militares y que al poco tiempo, bueno pocos días mejor dicho decidieron entregar la dirección económica del país a un abogado de multinacionales llamado José Alfredo Martínez de Hoz. José Alfredo Martínez de Hoz hizo una política que parecía exitosa al principio pero que no era otra cosa que la política neoliberal de lo cual tenemos ejemplos palpables en este momento, solo leer los diarios en Europa. (...) Es un viejo dicho, un viejo dicho criollo ¿no? Este y lógicamente contradictoriamente se produjo esta reacción del pueblo en el 2001, fue una especie ¿cómo podríamos decir? Un gruñido, un alarido, un alarido de bronca, de bronca, de resentimiento por la situación que

se había llegado, ya a fines es muy similar a la situación de España por ejemplo, de Italia en este momento ¿no? Y la gente vio evaporarse, la clase media sobre todo vio evaporarse los ahorros que tenía en moneda extranjera sobre todo en dólares ¿no? Esto provocó entonces ese acceso de odio, la gente salió a la calle porque veía que los esfuerzos de su vida se habían derretido por decirlo así ¿no? No tenían... habían dejado de ser algo del pretérito ¿no? este... de la situación y se produjeron entonces estos *cacerolazos* en que hubo una mezcla de sectores de clase media, barrios de clase media, este... de la ciudad de Buenos Aires, esencialmente de la ciudad de Buenos Aires y que ya antes de eso venía marcado por resistencia de sectores más bajos de la población, digamos de sectores obreros, de desempleados, este... etc., etc (Gutierrez, 71 años, Buenos Aires).

Diante destas manifestações, é possível afirmar, como diria Hopstein (2002, p. 65):

o *panelaço* é a potência democrática da multidão, a força capaz de organizar o novo e de construir um novo conceito de “político” que se confunda com “o social”. Aqui democracia significa expressão multilateral da multidão, radical imanência da potência, (...) a negação de todo poder constituído”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tivemos o propósito de refletir, a partir do movimento dos “*cacerolazos*”, sobre as implicações políticas que os estudos das memórias sonoras possibilitam e como estas memórias estão ligadas as novas formas de resistência e participação política na contemporaneidade.

Durante o percurso que fizemos nos propusemos a aprofundar a questão sonora dentro deste movimento destacando que as ações coletivas expressas por meio do som dos golpes de panelas são formas de resistência e participação que se configuram com grande potência na mobilização política.

Assim, as mulheres, por meio de suas panelas no surgimento dos “*cacerolazos*” foram as que se colocaram como elementos disparadores de mudanças significativas no que diz respeito à participação e mobilização e possibilitaram, desta maneira, micro-resistências e novos agenciamentos coletivos de luta por uma vida mais digna multiplicando-se por toda a sociedade.

Analisando o significado dos *cacerolazos*, o que foi e continua sendo, podemos salientar que estes movimentos refletem os elementos estético-políticos nas ações dos movimentos sociais e engendram práticas inovadoras que desconstróem as memórias hegemônicas em favor de uma polifonia de memórias que são atravessadas por uma rede de sentidos.

Este estudo nos levou a refletir acerca das práticas estético-políticas de enfrentamento presentes na sociedade que considera os desejos de cada indivíduo revelando as memórias subterrâneas ainda alojadas no interior de cada corpo seja ele individual ou coletivo.

Neste sentido, as memórias sonoras se configuram como relações entre o afeto e o político. Assim as memórias se constroem de novas maneiras à medida que o tempo traz novos significados a cada experiência vivida, não sendo portanto nem representação, nem reprodução do acontecimento passado, mas reconstrução do passado construído a partir das vivências do presente. A reconstrução das memórias sonoras dos *cacerolazos* evocam as muitas lutas políticas ocorridas, tanto na Argentina quanto no Chile, e evidencia que a memória política aumenta o poder de ação e intervenção na realidade social, como defende Ansara (2008):

Conhecer o passado aumenta o poder de intervenção, ou seja, potencializa as ações coletivas do presente, uma vez que a memória política permite reconhecer aquilo que ficou nos “subterrâneos” da história como algo perdido, velado, escondido irrompendo no cotidiano e tornando visível “a ótica dos vencidos”, comumente privada de visibilidade pela memória oficial (Ansara, 2008, p.326)

Esperamos que nunca cesse o desejo de mudança e que os sons da vida e aqueles produzidos nas lutas ecoem dentro de cada leitor, dentro de cada militante na busca pela transformação da sociedade por meio da participação, considerando as formas criativas de resistência e os elementos que manifestam presença e potência de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANSARA, Soraia. (2000). *Repressão e Lutas Operárias na Memória Coletiva da Classe Trabalhadora em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

ANSARA, Soraia. *Memória política da ditadura militar e repressão no Brasil: uma abordagem psicopolítica*. Tese (Doutorado em Psicologia Social). 2005. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ANSARA, Soraia. *Memória Política, Repressão e Ditadura no Brasil*. Curitiba: Juruá, 2008.

BAKER, Keith Michael. *Inventing the French Revolution: Essays on French Political Culture in the Eighteenth Century*, New York, Cambridge University Press, 1990.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BETENCOURT, Paulo Ricardo. *Memórias Sonoras: micropolíticas de resistência e participação*. Monografia de especialização em Psicologia Política, Políticas Públicas e Movimentos Sociais 2011. Universidade de São Paulo – EACH, São Paulo.

BETENCOURT, Paulo Ricardo. *Memórias dos Cacerolazos: cartografia de forças não sonoras se tornando sonoras*. Dissertação (Mestrado em Ciências), 2014. Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo.

BOGADO, Adriana Marcela. As Assembléias de Bairro na Argentina: os Laços da Memória. *Revista Teoria & Pesquisa*, ano 49, n.2, p. 165-191, 2006.

CATELA, Ludmila. da S. (2002). Territorios de Memoria Política: los archivos de la represión en Brasil. In. L. S. Catela. & E. Jelin. *Los archivos de la represión: Documentos, Memoria y Verdad*. (pp. 15-84). Madrid: Siglo XXI.

CHRISTLIEB, Pablo Fernández. *El Espíritu de La calle: Psicología Política de La cultura cotidiana*. México: Anthropos Editorial, 2004

COELHO, Lilian Monaro Engelmann. *Escutas em Musicoterapia: a escuta como espaço de relação*. Dissertação de Mestrado, 2002. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: Comunicação e Semiótica, São Paulo.

FOCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOPSTEIN, Graciela. Paneleços e Ruídos: A Multidão entra em Ação. *Revista Lugar Comum*. n. 17. Rio de Janeiro: E-Papers, 2002.

HALBWACHS, Maurice. *A memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990:

HUNT, Lynn. *Política, Cultura e classe na Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

- HUYSEN, Andreas. (2000). *Seduzidos pela Memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- JELIN, Elizabeth. De que hablamos cuando hablamos de memórias? In: JELIN, E. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI, 2002. p.17-38.
- JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI, 2002.
- KAMMERER Maria Luján & RONCERO, Maria Victória Sanchez. El cacerolazo como forma de expressão popular. *Revista Lugar Comum*. n. 17. Rio de Janeiro: E-Papers, 2002.
- LINDISTROM, L. *The rites of Rules: Rituals in na Industrial Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982
- MACHADO, Roberto. *Deleuze, a arte e filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.2009
- MATOS, Olgária C.F. *Espaço e Debate*. nº 7, São Paulo, 1982.
- Misztal, Barbara. *Theories of Social Remembering*. Maidenhead, Philadelphia, Open University Press, 2003.
- NORA, P. (1984). *Les Lieux de Mémoire*. Paris: Gallimard.
- OBICI, Giuliano. *Condição da Escuta-Mídias e Territórios Sonoros*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- PELBART, Peter Pál. *O tempo não-reconciliado*. São Paulo: *Perspectiva*, 2007
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RICHARD, Nelly. Políticas da memória, técnicas do esquecimento. In: MIRANDA, W. (Org.). *Narrativas da modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- RODRIGUES, Rodrigo Fonseca e. Os ritmos da memória: a lembrança e a reminiscência na escuta musical *online*. *Revista Sociedade e Cultura*, v.11, N.2, p.199-204, jul/dez.2008.
- SANTOS, Fátima Carneiro dos. Por uma escuta nômade: a música dos sons da rua. São Paulo: EDUC, 2002.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda. *Memória coletiva & teoria social*. São Paulo: Annablume Editora, 2003
- TELECHEA, Roxana. Historia de los cacerolazos: 1982 -2001. *Revista Razón y Revolución*, nº 16, Buenos Aires, p.141 -184. 2º Semestre de 2006.

TOMÁS, Lia Vera. *Ouvir o lógos: música e filosofia*. 1ª. ed. São Paulo: Editora da UNESP - EDUNESP, 2002. v. 01. 137.

Vázquez, F. (2001). *La Memória como Acción Social: Relaciones, Significados e Imaginario*. Temas de Psicología. Barcelona: Paidós.